



## **A CONCEPÇÃO DE MEMÓRIA NOS PRIMEIROS AFORISMOS DO YOGASUTRAS DE PATANJALI**

MOURTHÉ, Ana Márcia C. Linhares

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social –  
Linha Memória e Patrimônio UNIRIO  
anamarcialinhares2@gmail.com*

ALVARES, Lucas Cardoso

*Mestre em Memória Social UNIRIO  
lucasalvares07@gmail.com*

### **RESUMO**

O principal livro representativo da Ioga Clássica hindu intitula-se Yogasutras de Patanjali. Com um total de 184 aforismos, estruturado em quatro capítulos e indissociável de seus principais comentários, a obra ocupa-se, principalmente, do agrupamento de práticas ascéticas e contemplativas antigas e sua teorização e da descrição do funcionamento da psique, além de propor um método psicofísico para a supressão do sofrimento existencial. No décimo primeiro aforismo do primeiro capítulo, encontra-se a primeira definição de memória do livro, caracterizada como um dos cinco estados psicomentais. Este artigo tem por objetivo introduzir o estudo do papel que a memória possui na psicologia apresentada no primeiro capítulo da Ioga Clássica, analisando-o em seu próprio contexto.

Palavras-chave: *memória, educação, filosofia.*

### **ABSTRACT**

The main book presenting Classical Hindu Yoga is titled YogaSutras of Patanjali. With a total of 184 aphorisms, the book is divided into four chapters and their principal commentaries. The work primarily concerns ancient ascetic and contemplative practices, their theories and the functioning of the psyche, and proposes a psychophysical method to diminish human suffering. The eleventh aphorism, in the first chapter, presents the book's first definition of memory as one of the five psychometric conditions. This paper aims to introduce a study of memory's role in psychology present in the first chapter of Classical Yoga, analyzing it in its own context.

Keywords: *memory, education, philosophy.*



## INTRODUÇÃO

Ao tratarmos do tema desse artigo, que diz respeito ao papel que a memória exerce nos aforismos iniciais do primeiro capítulo da literatura (1) da Ioga (2) clássica, partiremos da admissão de que a escolha de nosso objeto de investigação situa-se de uma maneira específica no campo dos estudos da memória. Optar pelo estudo de um documento pertencente a uma tradição distinta da nossa e valorizá-lo, longe de ser uma seleção imparcial, demonstra uma intencionalidade no que se refere ao futuro dos estudos da Ioga. Como afirma Jô Gondar:

Uma lembrança ou um documento jamais é inócuo: eles resultam de uma montagem não só da sociedade que os produziu, como também das sociedades onde continuam a viver, chegando até a nossa. Essa montagem é intencional e se destina ao porvir (2009, p.17).

Embora a nossa proposta não tenha o objetivo de defender a concepção de memória característica da Ioga codificada por Patanjali, nos posicionaremos frente ao texto clássico da Ioga, o Yogasutras, e seus comentários de uma maneira diversa da que é adotada, normalmente, no ambiente acadêmico ocidental. Em vez de avaliarmos a concepção de memória da Ioga a partir dos referenciais dos trechos de obras de pensadores ocidentais e seus conceitos de memória, tentaremos apresentar a concepção de memória da doutrina pensada em seu contexto. Esta pequena diferença na ordem do exame dos documentos, exemplifica a nossa proposta. Pretendemos analisar a concepção de memória da Ioga além dos exames racionalistas a que esta sabedoria indiana está, frequentemente, submetida. Tornamos nossas as palavras de Jean-Pierre Vernant:

No decurso dos últimos cinquenta anos, a confiança do Ocidente nesse monopólio da razão foi todavia abalada. A crise da física e da ciência contemporânea minou os fundamentos – que se julgavam definitivos – da lógica clássica. O contato com as grandes civilizações espiritualmente diferentes da nossa, como a da Índia e a da China, rompeu os quadros do humanismo tradicional. O Ocidente já não pode hoje considerar o seu pensamento como sendo o pensamento, nem saudar na aurora da filosofia grega o nascer do sol do Espírito. Em uma época em que se inquieta pelo seu futuro e em que põe em dúvida os seus princípios, o pensamento racional volta-se para as suas origens: interroga o seu passado para se situar, para se compreender historicamente (1990, p. 350). (3)



Além de Vernant, outro autor ocidental tem uma importância particular para a análise da concepção da memória no âmbito da Ioga Clássica hindu: F.M. Cornford. É importante ressaltar que embora estes autores não tratem de questões específicas relativas ao pensamento indiano, eles se opõem à tese da ruptura radical entre religião e filosofia na Grécia. Cornford, por exemplo, considerava indispensável o restabelecimento do fio da continuidade histórica entre o pensamento mítico-religioso e a filosofia. Segundo Vernant, graças a esta preocupação é que o problema das origens da filosofia tomou um novo rumo, pois a partir do momento em que as similaridades e a continuidade entre o mito e a filosofia são reconhecidas, é possível estabelecer-se também as diferenças entre eles (VERNANT, 1990, p. 354). Até então as análises favoreciam a tese de um rompimento radical entre as narrativas mítico-religiosas da realidade e o pensamento racional. John Burnet, por exemplo, presumia que o homem grego se encontrava acima de todos os outros povos devido às suas qualidades de inteligência excepcionais que condensavam o espírito de observação com a capacidade de raciocínio. (VERNANT, 1990, p.350).

Após estas breves observações, estamos prontos para responder o porquê dos estudos sobre os vínculos existentes entre o pensamento mítico-religioso e a filosofia são importantes para a apresentação da Ioga e de sua concepção de memória. Da mesma maneira que os filósofos da Grécia Antiga não abandonam por completo a narrativa mítica, mas atribuem uma nova significação aos seus temas, de maneira que estes se adaptem às mudanças políticas que alteraram a relação existente entre o soberano mítico ou deus e os fenômenos atmosféricos (VERNANT, 1990, p. 354), o principal texto representativo da Ioga Clássica, mantém um vínculo de pertencimento à literatura religiosa da tradição, os Vedas (4), conferindo-lhe, entretanto, novo tratamento aos seus conteúdos. Não se atesta mais no contexto da doutrina da qual estamos tratando, encantamentos purificadores como o sortilégio *Deter o Fluxo de Sangue* encontrado no Atharva-veda (5) e que reproduzimos abaixo:

As virgens que vão além, as veias, vestidas em roupas vermelhas, como irmãs sem um irmão, despedidas de força, elas pararão! Pára, tu que estás abaixo, para, tu que está acima: e tu que está no meio, para também! As menores veias param; que pare também a grande artéria! Das centenas de artérias e ilhares de veias, as do meio realmente pararam. Ao mesmo tempo os extremos cessaram de fluir. Por volta de ti passou um grande dique de areia: fica parado, rogo-te calma! (1.17) (RENOU, 1964, p.55).



E nem orações como *Às Águas*, pertencente ao Rg-Veda:

Avante, do meio da enchente, as águas – seu chefe, o mar – fluem limpando, jamais dormindo. Indra, o touro, o trovejante, cavou seus canais; aqui, deusas, deixem essas águas proteger-me. Águas que vieram do céu, ou as que eram retiradas da terra, ou correndo livres pela natureza, Claras, purificadoras, correndo para o oceano; aqui, deusas, deixem essas águas proteger-me. Aqueles, entre os quais vai Varuna, o soberano, o que distingue nos homens a verdade e a mentira – Destilando hidromel, o claro, o purificante; aqui, deusas, deixem essas águas proteger-me. Aqueles de quem Varuna, o rei, e Soma, e todas as deidades sorvem força e vigor, Aqueles em quem Vaishvanara Agni entrou; aqui, deusas, deixem essas águas protegerem-me. (7.49) (RENOU, 1964, p.44).

Sendo assim, a importância dos estudos dos dois autores citados para nosso trabalho, encontra-se em suas propostas de repensar a relação entre mito e filosofia, permitindo-nos apresentar o pensamento da Ioga Clássica com base na relativização das críticas de Hegel voltadas para o mito: *Uma vez que o pensamento alcançou a força suficiente para se construir a partir de seus próprios elementos, o mito torna-se ornamento supérfluo, do qual a filosofia não retira vantagem.* (HEGEL, 1955, p. 85), e também em relação ao pensamento hindu: *A cultura hindu é imponente e se encontra muito desenvolvida, mas a sua filosofia é idêntica a sua religião, de modo que os interesses da filosofia são os mesmos que se encontra em sua vida religiosa (...)* (HEGEL, 1955, p. 119).

Feitas essas considerações preliminares, apresentaremos alguns detalhes importantes referentes à Ioga Clássica para em seguida tratarmos da primeira apresentação da memória encontrada em seu livro doutrinal.

A Ioga Clássica é a designação de um conjunto de saberes de teor psicofísico, exposto em uma literatura em prosa, e cujas frases entrelaçam-se para promover um sentido único para a doutrina. Estas frases, embora nomeadas como aforismos, preceitos ou ainda como sentenças técnicas concisas (APTE, 1978, p. 1698), formam, na verdade, um gênero literário conhecido como *sutra* (fio).

Os tratados sistemáticos escritos em curtas e meias sentenças (sutas), embora não estruturassem o assunto de maneira detalhada, tinham o papel de manter o leitor ligado às lembranças dos elaborados ensinamentos com os quais ele já estava devidamente familiarizado. Portanto, parece que estas significativas meias-sentenças operavam como sinais de ensinamentos para àqueles que já



possuíam cuidadosas instruções orais sobre o assunto (DASGUPTA, 1922, p. 62).

Segundo Carlos Alberto Fonseca, a função da literatura sânscrita na Índia antiga era propiciar o conhecimento. Para isto, dois fatores constituíam-se como fundamentais e inseparáveis: a relação direta entre professor e aluno, e uma aura emocional ou sentimental que deveria envolvê-la. (1990, p. 44). Assim sendo, parece quase natural que as literaturas fossem divididas conforme a existência ou ausência das emoções em seus textos (FONSECA, 1990, p. 48). Se o homem e suas emoções fossem o tema do discurso, tratava-se de uma literatura artística. Se, ao contrário, as emoções estivessem na relação entre mestre e discípulo, o texto era somente um aparato de apoio, denominava-se como *sastra* (tratado), e subdividia-se em *sloka* - frases organizadas em dois versos, e *sutra* - tratado organizado em prosa e cujas frases entrelaçavam-se para produzir um conteúdo significativo à doutrina. (FONSECA, 1990, p. 44).

Historicamente situada no chamado Período Gupta ou Era Clássica da Índia (6), em um momento em que o pensamento filosófico indiano estabelecia alguns de seus princípios estruturais, a Ioga Clássica faz parte de um complexo de seis saberes aceitos pela ortodoxia hindu, e intitulado pelo termo sânscrito *darsana*. Este termo pode ser traduzido como visões - sobre os diversos pontos do domínio filosófico, como sistemas - uma vez que constituem agrupamentos coordenados de noções, ou ainda como escolas - pois, frequentemente, transmitem o ensinamento tradicional de mestre a discípulo (RENOU; FILLIOZAT, 2001, p.1). Em relação ao *darsana* da Ioga clássica, seu texto principal denomina-se Yogasutras, contém quatro capítulos (*pada*), dois comentários principais: Samkhya Pravachana de Vedavyasa (entre os séculos VII e VII) e Rajamartanda do Rei Bhoja de Dhara (início do século XI), e dois subcomentários relevantes de serem citados devido à importância que possuem para a compreensão do comentário de VedaVyasa: Tattva-vaisharadi de Vacaspati Misra (século IX) e Yoga-Varttika de Vijana Bhiksu (século XVI).

No que diz respeito à época de elaboração do Yogasutras, as opiniões especializadas divergem. Caso o autor do texto (Patanjali) seja identificado com o gramático de mesmo nome e autor de uma obra intitulada Mahabhasya, que é um comentário à obra de Panini (Astadhyayi) (7), como defende Surendranath Dasgupta (1922, p. 238), o texto poderia ser considerado como pertencente ao século II a.C.. Dasgupta, entretanto, ao identificar Patanjali com o autor do



Mahabhasya, refere-se apenas à autoria dos três primeiros capítulos do livro da Ioga. O quarto capítulo teria sido adicionado posteriormente e por outro autor com a finalidade de complementação de argumentos importantes para o fortalecimento da posição da Ioga diante de ataques da metafísica budista. Além disso, ao final do terceiro capítulo da literatura em questão, encontra-se determinado termo sânscrito *iti* que, geralmente, indica a finalização de um trabalho, parecendo tratar-se do final da autoria de Patanjali. Como complementação da hipótese, Dasgupta destaca que uma mudança de estilo visível pode ser atestada no quarto capítulo, indicando também uma possível mudança de autoria. (DASGUPTA, 1922, p. 230).

Sem invalidar as tentativas de descoberta da época em que a obra de Patanjali foi elaborada, o assunto nos remete a outra questão e que relativiza a importância da pesquisa histórica: a da identidade autoral. Segundo Gilberto Velho, em uma sociedade holista tradicional, como é o caso da sociedade indiana na época da composição do Yogasutras, a biografia individual não é realçada, pois (...) *a memória socialmente relevante é a da unidade “encompassadora”*. (VELHO, 1988, p. 99). Sendo assim, nos parece que o mais importante a assinalar não é a data de elaboração do Yogasutras ou a sua autoria. No caso específico da Ioga Clássica, se o coordenador desta doutrina era uma entidade fictícia utilizada pela comunidade de iogues ou o importante comentador da famosa gramática de Panini, pouco importa. O destaque é dado ao conjunto de indivíduos biológicos interessados na conservação e transmissão dos conhecimentos tradicionais.

Antes de seguirmos adiante, é necessário esclarecer mais um detalhe importante sobre o objetivo do texto a que temos nos referido seguidamente. Ele não se ocupa especialmente do corpo, como é o caso do tratado Hathayogapradipika (8). Sua abordagem sobre o assunto é modesta. O corpo é citado no Yogasutras de Patanjali, mas sempre pertencendo à estrutura do ensinamento composto por oito partes (*astanga*), como se pode verificar no aforismo 29 do segundo capítulo: *Restrição, observância, postura do corpo, regulação da respiração, abstração, concentração, meditação e absorção são os oito acessórios componentes da Ioga*.

Longe de ter o corpo como o objetivo central, a doutrina da Ioga Clássica caracteriza-se como um ensinamento que conduz a um estado mental distinto do ordinário, prometendo a seus adeptos a liberdade das ilusões existenciais, dos sofrimentos morais, e das constantes transmigrações da alma. Segundo Patanjali, o processo para se alcançar este estado



inicia-se com a prática de Ioga da ação (*kriya yoga*), em que as matrizes do fluxo psicamental (9) são atenuadas, e termina com o estado de Ioga conhecido como absorção sem apoio (*asamprajnata samadhi*), em que o adepto (...) *realiza igualmente um sonho que obceca o espírito humano desde o início de sua história: coincidir com o Todo, recuperar a Unidade, refazer a não-dualidade e heterogeneidade inicial, abolir em particular a fragmentação do real em objeto e sujeito.* (ELIADE, 1996, p.93).

Após esta breve consideração desses detalhes da doutrina da Ioga Clássica, faremos a apresentação de alguns aforismos que tratam da concepção de memória encontrada no livro organizado por Patanjali. Entretanto, devido à complexidade do assunto, optamos por abordar apenas o início da exposição do tema, que se encontra no décimo primeiro aforismo do primeiro capítulo da obra, associando-o a outros aforismos anteriores, mas fundamentais para o entendimento da evolução do tema discutido. Não nos parece excessivo lembrar aqui que os aforismos (*sutras*) característicos da principal obra da doutrina da Ioga Clássica, não se resumem a frases curtas e desconectadas entre si, mas constituem partes inseparáveis e imprescindíveis para a apreensão integral do texto.

No primeiro capítulo do livro, Patanjali define as características gerais da Ioga e introduz os temas tratados com mais detalhes nos capítulos posteriores. Todos os aforismos têm a sua importância para a compreensão da obra, mas para a apreensão do assunto do décimo primeiro aforismo, elegemos os aforismos dois, três, cinco, seis e uma parte do comentário de Vedavyasa ao primeiro aforismo como fundamentais para o entendimento do que venha a ser a memória no início do capítulo tratado.

Começando pelo comentário de Vedavyasa ao primeiro aforismo de Patanjali (10), é possível verificar que a doutrina da Ioga Clássica objetiva promover uma alteração na consciência humana com fins de libertação do sofrimento existencial. Vedavyasa estipula uma ordenação dos planos (estados) mentais da consciência (*citta bhumi*), separando-os em: comuns a todos os homens (instável, confuso, alternante entre instabilidade e estabilidade), e os exclusivos dos adeptos da doutrina psicofísicas da Ioga (concentrado em um só ponto e restringido). (VEDAVYASA, 1988, p.1).

Em seguida, Patanjali, no segundo aforismo, define exatamente o que vem a ser a Ioga ao enunciar que a doutrina favorece a habilidade de voltar à atenção somente para um objeto (*ekagrata*), descartando as outras atividades mentais que tumultuam o psiquismo.



No terceiro aforismo, aparece pela primeira vez no Yogasutras o conceito de *Si* (*Purusa, Drastr*), fundamental para a compreensão da motivação do trabalho realizado pela Ioga Clássica. Postulado conjuntamente com outro princípio inalterável (substância, *Prakrti*), o *Si*, apesar de sua natureza livre, encontra-se aprisionado pela experiência psicamental criada pela substância (11). O trabalho da Ioga consiste justamente na revelação da natureza do *Si*. Profere o aforismo: *Então, aquele que vê (drastr) permanece em sua própria forma.* (PATANJALI, 1988, p. 9).

No quinto aforismo, Patanjali determina que as atividades mentais são cinco, alertando para o fato de cada uma delas poder ser auspiciosa ou nociva, enquanto no sexto, ele as apresenta: [As cinco atividades psicomentais são] *compreensão correta, compreensão errônea e dúvida, imaginação e memória.* (1988, p. 14).

Nos aforismos subsequentes, Patanjali descreve, em detalhes, as quatro primeiras atividades psicomentais, enquanto no décimo primeiro aforismo, estabelece a primeira definição de memória de sua obra: *A memória é a retenção das impressões dos objetos previamente experienciados.* (PATANJALI, 1988, p. 14)

Após verificarmos alguns comentários dedicados ao décimo primeiro aforismo do Yogasutras, destacamos uma parte dos comentários de Vyasa e de Bhoja por nos parecerem importantes tanto para a compreensão da concepção de memória exposta no livro, como também para o início do entendimento do que venha a ser o ato cognitivo para a doutrina da Ioga Clássica:

(...) na filosofia da Ioga, o objeto não é percebido diretamente. Ele é “tingido” pela substância mental. Apenas sua imagem (*akara*) é reproduzida na psique. É um reflexo que atinge o sujeito, e é este mesmo reflexo que se encontra na origem da lembrança. (VYASA, 2007, p. 61).

Memória significa não deixar que um objeto de conhecimento, experimentado por meio de um ato de cognição e afixado no intelecto (*buddhi*) por meio de uma impressão latente (*samskara*), escape. (...) (BHOJA, 1977, p. 90).

Para finalizar essa breve apresentação, salientamos que no contexto do Yogasutras de Patanjali a memória, além de ser qualificada como uma atividade mental, não pode ser um foco de atenções do adepto da doutrina da Ioga Clássica. Caso isto aconteça, torna-se impossível alcançar o estado mental diferenciado e libertador proposto pela doutrina.





Neste artigo nos prontificamos a abordar apenas os aforismos que foram citados. Antecipamos, porém, que outros significados poderão ser encontrados nos capítulos posteriores da obra de Patanjali.

## Conclusão

Atualmente, pensar em memória, além do senso comum, é levar em consideração os estudos sobre a sua construção a partir do presente, é considerá-la uma escolha feita como consequência de embates e disputas segundo conveniências presentes. Ao tratarmos neste artigo de um tipo de memória como a que é encontrada no Yogasutras (uma memória individual), o fizemos não apenas para introduzir um enfoque exótico nos estudos sobre a memória, mas devido a crença de que ela levanta uma questão diversa da que foi abordada na Grécia Antiga: a inutilidade da memória para fins de libertação ou em relação ao conhecimento. Expliquemos melhor.

Na Grécia, Mnemosyne, regente da função poética e mãe das musas, não confere aos poetas a aptidão de invocar lembranças individuais num passado que antecede o presente, mas os coloca em contato com um mundo além do presente, a sua fonte. O poeta conhecia não o passado, mas o presente do passado. Segundo Vernant, o passado é parte integrante do cosmo. Quem o explora, descobre o que oculta na profundidade do ser (VERNANT, 1990, p.113). É uma relação com um mundo invisível e não com um passado medido pelo tempo linear.

Em Platão, embora a memória perca quase todo o antigo significado, dois traços ainda a unem à antiga forma mítica de conceber a realidade: a ultrapassagem da experiência temporal humana e a revelação do Ser imutável e eterno (VERNANT, 1990, p. 127). Estes dois vestígios da memória mítica na obra do filósofo, integram-se o esforço da busca platônica pelo conhecimento não derivado das impressões sensoriais. Mnemosyne transmuta-se na faculdade de conhecer a verdade das essências inteligíveis que constituem a realidade, como se atesta no diálogo Fédon:

É de fato possível, como pelo menos parece demonstrado, que, ao percebermos um dado objeto pela vista, pelo ouvido ou por qualquer outro meio sensorial, nos transportemos a partir dele à ideia de um outro que estava já esquecido, e ao qual o primeiro andava associado, independente do fato de ser ou não semelhante a ele. De modo que, das duas: ou nascemos com o conhecimento dessas realidades e o conservamos, todos, pela vida afora, ou,



posteriormente, aqueles de nós que dizemos que aprendem não fazem mais do que recordar, e nesse caso, aprender não é senão recordar (PLATAO,76 a).

Por intermédio dos sentidos é possível constatar a existência das coisas como iguais, maiores, menores, quadradas e circulares, mas nada do que seja sensível encontra-se adequado às noções classificatórias das coisas. É preciso, segundo Platão, que existam conhecimentos perfeitos na alma para servirem como modelos para que as coisas tendam.

- Pois bem, se essa aquisição se deu antes do nosso nascimento e se nascemos com ela, não é porque conhecíamos já, antes de nascermos e logo ao nascer, não apenas o Igual, o Maior, o Menor, mas todas as realidades desse tipo? Pois efetivamente este nosso argumento não se aplica mais ao geral do que ao Belo em si, ao Bem em si, ao Sagrado, a tudo enfim que, como digo, selamos genericamente com o rótulo de “realidade em si”, quer nas perguntas que fazemos quer nas respostas que damos. Donde se segue que, antes de nascermos, tínhamos já, por força, conhecimento de todas as realidades (FEDON, 75d).

Já em Aristóteles, a memória, dividida em poder de conservação (*mneme*) e evocação voluntária do passado (*anamneme*), nem é mais uma mnemotécnica para conhecimento do Ser e nem uma faculdade independente das impressões sensoriais que vise o conhecimento. Fica claro na obra de Aristóteles que a memória, assim como a imaginação, ainda que seja uma intermediação entre a percepção e o pensamento, experimenta uma situação decadente frente à dignidade encontrada na memória mítica e em Platão. Torna-se incluída no tempo (ainda que este permaneça ininteligível), implicando na diferenciação entre um anterior e um posterior, e cria algumas das condições para a exploração posterior da concepção do tempo linear (VERNANT, 1990, p.130). Enuncia o Estagirita em *Da Memória e da Revocação*:

Memória, portanto, não é nem percepção sensorial nem pensamento, sendo sim um estado ou afecção de uma ou outro no decorrer do tempo. Como foi dito, não é possível haver memória de algo no presente enquanto presente, sendo a percepção sensorial que se refere ao que é presente, a expectativa ao que é futuro, e a memória se referindo ao que é passado. Toda memória, portanto, implica o decorrer do tempo. (449 b 25).

Voltando a nossa afirmação inicial de que a concepção de memória na Ioga Clássica introduz um novo enfoque nos estudos sobre a memória, podemos afirmar que:



*Primeiro* – Ela não se assemelha a memória mítica grega, pois embora a Ioga Clássica almeje a saída do tempo em busca de uma liberdade distante dos condicionamentos humanos ligados ao sofrimento, ou busque estar presente em um tempo primordial, a definição de memória encontrada nos primeiros aforismos da obra de Patanjali, não auxilia nesse processo. Pelo contrário, ela se caracteriza como um obstáculo.

*Segundo* - Não é possível fazer comparações entre a memória caracterizada nos primeiros aforismos do Yogasutras com a concepção de memória na obra platônica. A memória dos primeiros aforismos do livro clássico da Ioga não está associada à faculdade de conhecer a verdade das essências, como é o caso do platonismo.

*Terceiro* – A concepção de memória na Ioga Clássica, embora apresente alguma semelhança com a característica de imperfeição encontrada na reminiscência aristotélica, conserva uma particularidade: ela é um dos componentes do fluxo das atividades psíquicas (*cittavrtti*) que precisa ser sobrepujado.

Para terminar, podemos dizer que a concepção de memória no contexto da Ioga Clássica continua a ser intrigante. Sendo uma mnemotécnica imprescindível numa cultura predominantemente oral, é curioso o fato de que ela nem conduza o adepto da Ioga ao tempo primordial e nem à percepção do tempo. De qualquer maneira, não acreditamos que a memória tenha apenas a função de memorização textual no domínio do Yogasutras, mas deixaremos a discussão para um próximo estudo em que serão analisados os outros aforismos associados à concepção de memória da doutrina.

## Notas

1. Segundo Carlos Alberto Fonseca, literatura, em sânscrito, pode ser traduzida como “sabedoria”, “saber”, ou conhecimento; letra, som (*aksana*); “feito de palavras” (*vanmaya*); “composição”, “reunião”, “associação”, “texto” (*sahitya*). Para este autor, a ideia sânscrita de literatura não se encontra distante da que é, normalmente, conhecida. Entretanto, há que se diferenciar as obras literárias de valor estético – que têm como tema o homem e suas emoções (*kavya*), das que se limitam à função de propiciar um conhecimento (*sutra, çloka*) (1990, p. 44).
2. O termo Ioga, em sânscrito, pertence ao gênero masculino e se inicia pela semi-vogal que, em sua transliteração latina, corresponde à letra y (como foi estabelecido pelo Décimo Congresso Orientalista em Genebra, em 1984). Optamos por utilizar a forma portuguesa do termo.



3. A primeira edição francesa do livro “Mito e Pensamento entre os gregos” de Jean-Pierre Vernant, data de 1965. Acreditamos na atualidade da obra no que diz respeito às críticas da racionalidade ocidental e à crença de que o pensamento ocidental com origem grega não seja o único a ser levado em consideração.
4. Vedas (conhecimento sagrado) é a designação de textos que, em conjunto, formam a base do vedismo (a forma mais antiga do Bramanismo). O termo refere-se a uma série de textos, de conteúdo e forma variados, mas têm em comum o fato de considerarem a “audição” (*çruti*), quer dizer, a revelação como a base do desenvolvimento doutrinal. Estes textos são compostos por quatro partes: *Samhita* (coleções), que contém, sobretudo, os hinos, as preces e fórmulas rituais; *Brahmana*, comentários teológicos dos *Samhita*, *Aranyaka*, textos da floresta; e *Upanisad*, comentários ligados aos *Brahmana*, mas com características mais esotéricas. (RENOU, FILLIOZAT, 1985, p. 270).
5. O Atharva-veda, composto por orações, sortilégios ou hinos em forma de versos, constitui, juntamente com o Rg, Sama e Yajur, o que se denomina como Vedas.
6. Segundo a historiadora Romila Thapar, a designação do período Gupta como Idade Clássica pode ser adotada desde que seja observado que ela se refere às classes superiores, e que ocorreu somente no norte da Índia durante o governo da dinastia Gupta do século IV ao VI d.C..
7. Segundo Carlos Alberto Fonseca, a gramática de Panini, elaborada no século V a.C., (...) é uma exposição detalhada dos morfemas da norma culta da língua indiana, os morfemas da “linguagem sânscrita (...). (1992, p. 12).
8. Hathayogapradipika (Luz no *Hatha Yoga*) é um tratado escrito em forma de versos que discorre sobre as posturas do corpo, disciplinas respiratórias, e técnicas fisiológicas de purificação.
9. As matrizes geradoras (*kleshas*) do fluxo psicamental (*cittavritti*) são: ignorância sobre o *Si* (*avidya*), egocentrismo (*asmita*), apego (*raga*), aversão (*dvesa*), medo (*abhinivesa*).
10. O comentário de VedaVyasa refere-se ao primeiro aforismo do Yogasutras: *Agora, o ensinamento da Ioga*.
11. A afirmação simultânea da liberdade do *Si* (*Purusa*) e de seu aprisionamento pelas experiências psicomentais criou inúmeros problemas teóricos para a Ioga Clássica. A doutrina foi criticada tanto por outros sistemas ortodoxos do pensamento hindu, como pelo Budismo.

## Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Da Memória e da Revocação*. In: Parva naturalia. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2012.

APTE, Prin. Vaman Shivaram. *The Practical Sanskrit English Dictionary*. Kyoto: Rinsen Book Company, 1978.



DASGUPTA, Surendranath. *A History of Indian Philosophy*. Vol 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1922.

ELIADE, Mircea. *Yoga: imortalidade e liberdade*. Tradução de Teresa de Barros Velloso. São Paulo: Editora Palas Athena, 1996.

FONSECA, Carlos Alberto da Fonseca. *O “bem-feito” e o “mal-feito” na estética sânscrita*. In: Bharata – Cadernos de Cultura Indiana. N.1. Publicação do Curso de Língua e Literatura Sânscrita. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. *A concepção da linguagem na Índia Antiga*. In: Bharata – Cadernos de Cultura Indiana. N.7. Publicação do Curso de Língua e Literatura Sânscrita. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda, 2009.

HEGEL, G.W.F.. *Lecciones sobre a historia de la filosofia*. Tomo Primero. Traducción directa de Wenceslao Roces. Edición preparada por Elsa Cecilia Frost. México: Fondo de Cultura Económica, 1955.

MIRSA, Vacaspati. *Tattva-vaisharadi*. In: *Yoga-sutras: with commentary of Vyasa and the gloss of Vacaspati Misra*. New Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers, 1988.

PATANJALI. *Yoga-sutras: with commentary of Vyasa and gloss of Vacaspati Misra*. New Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers, 1988.

PATANJALI. *Les Yoga-sutras de Patanjali à la Lumière des premiers commentaires indiens*. Tradução e comentários de Erik Sablé. Paris: Éditions DERVY, 2007.

PATANJALI. *El Yoga Sutra de Patanjali: com el comentatio del Rey Bhoja*. Tradução de José León Herrera. Lima: Gráfica Morsom S.A., 1977.

PLATAO. *Fédon*. Introdução, versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Brasília: Editora Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*. Volume II. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.



RENOU, Louis; FILLIOZAT, Jean. *L'Inde Classique: Manuel des études indiennes*. Tome II. Paris: École française d' Extrême-Orient, 2001.

*L'Inde Classique: Manuel des études indiennes*. Tome I. Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient, 1985.

RENOU, Louis. *Hinduismo*. Tradução de Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964.

THAPAR, Romila. *Historia de la India*, I. México: Fondo de Cultura Econômica, 2001.

VELHO, Gilberto. *Memória, Identidade e Projeto*. In: *Revista Tempo Brasileiro*, n. 95, out./dez., 1988. Disponível <http://www.tempobrasileiro.com.br/revista.htm>. Acesso em 15/07/2014 às 18:44.

VERNANT, Jean Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Tradução de Haiganuch Sarian. II.edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VYASA. *The Sankhya Pravachana*. In: Patanjali's Yoga Sutras: with commentary or Vyasa and gloss of Vacaspati Misra.. Tradução de Rama Prasada. IV edição. New Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers Pvt. Ltd, 1988.